

A PESQUISA EM PSICANÁLISE NA SOCIOEDUCAÇÃO: QUE ÉTICA SUSTENTA ESTA ESCUTA?

Stéphanie Strzykalski¹, Rose Gurski²

1. Autora. Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Bolsista de Iniciação Científica ligada do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC/UFRGS)
2. Orientadora. Psicóloga, Doutora em Educação (UFRGS), coordenadora do NUPPEC e professora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS)

Resumo:

Este trabalho partiu de uma experiência de pesquisa-extensão com jovens em conflito com a lei. A intervenção proposta, construída desde o enlace entre a metodologia psicanalítica e os efeitos ético-metodológicos recolhidos no estudo sobre o tema da experiência em Walter Benjamin, fundamentou-se no oferecimento de um espaço de escuta e livre circulação da palavra a partir do encontro dos adolescentes especialmente com músicas de *rap*.

Desde o presente estudo, buscamos tensionar alguns dos fragmentos de experiência advindos da escuta desses jovens com aspectos teóricos. Ao investigarmos sobretudo que ética pode sustentar o lugar do psicanalista-pesquisador na socioeducação, pretendemos oferecer alguns subsídios que adensem a discussão metodológica acerca do campo da construção de dispositivos de escuta no âmbito das Políticas Públicas infanto-juvenis.

Autorização legal: O projeto de pesquisa *Ritmos, Adolescência e Poesia (RAP): dos muros à musicalidade na socioeducação* foi aprovado pela Plataforma Brasil (CAAE 44377515.0.0000.5334)

Palavras-chave: ética da psicanálise; socioeducação; escuta de adolescentes em conflito com a lei.

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: UFRGS

Introdução:

Desde o eixo da socioeducação no Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC/UFRGS), temos tentado alargar a compreensão do sofrimento juvenil contemporâneo a partir do oferecimento de

espaços de fala e escuta a adolescentes vinculados ao sistema socioeducativo.

O presente estudo partiu de uma pesquisa-extensão com jovens em regime de Internação Provisória – uma espécie de porta de entrada da Instituição Socioeducativa. Com esses adolescentes, experimentamos um dispositivo chamado de *Rodas de R.A.P (Ritmos, Adolescência e Poesia)* – acrônimo que surgiu ao nos autorizarmos a brincar com o significante *rap* enquanto gênero musical.

Acolhendo e problematizando as discussões que iam surgindo do encontro entre os jovens e as músicas, percebemos que essa materialidade das narrativas ritmadas pareciam servir como um potente catalisador de questões. Temos apostado que, através da palavra compartilhada entre os meninos e os oficinairos, é possível a criação de novos meios de enunciação de si que não apenas àquele restrito à dimensão do ato infracional.

Seguidamente, a partir desta vivência com as *Rodas*, encontramos frente a sujeitos com narrativas de vida bastante áridas e com significações de si cristalizadas, nas quais predominam o relato de atos de violência extrema. Por vezes, os jovens escutados chegaram a enunciar que seguir na chamada “*vida do crime*” tem apenas dois desfechos imagináveis: “*a prisão ou a morte*”. Mesmo assim, os oficinairos que participaram das *Rodas* perceberam, não sem um estranhamento inicial, que alguns dos jovens manifestavam vontade de retomar as atividades que os levaram à restrição de liberdade tão logo saíssem da Instituição. Diante desse panorama, questionamo-nos: *que ética sustenta nossa escuta na pesquisa em psicanálise no contexto da socioeducação? Qual é a aposta ao continuarmos oferecendo um espaço de escuta a estes sujeitos que nos relatam não ter interesse e/ou possibilidade de sair da dita “vida do crime”?*

Por meio deste trabalho, objetivamos formular alguns subsídios a fim de ampliar a

discussão metodológica acerca do campo da construção de dispositivos de escuta no âmbito das Políticas Públicas.

Metodologia:

As *Rodas de R.A.P* foram construídas desde o enlace entre a metodologia psicanalítica – inspirando-nos, especialmente, nas noções de *transferência* (FREUD, 1912a), *atenção flutuante* (FREUD, 1912b) e no tempo do *a posteriori* (FREUD, 1895) – e os efeitos ético-metodológicos recolhidos no estudo sobre o *tema da experiência* em Walter Benjamin (1933).

Participaram das *Rodas de R.A.P* um grupo de aproximadamente dez adolescentes entre 13 e 19 anos durante seu o período de acautelamento provisório na Instituição Socioeducativa. Os encontros tinham caráter semanal e duração de, aproximadamente, uma hora e trinta minutos, sendo designados para o trabalho doisicineiros (graduandos de Psicologia). Durante as *Rodas*, enquanto ouviam-se as músicas demandadas pelos adolescentes, osicineiros iam promovendo debates, acolhendo as questões que iam surgindo ao mesmo tempo em que tentavam desdobrá-las para além de seus enunciados.

Os referidos debates foram registrados nos chamados *diários de experiência*, um compilado escrito pelosicineiros acerca de suas vivências, experiências e reflexões a partir das atividades da Oficina. Metodologicamente, os diários apresentam uma escrita norteada, sobretudo, pelo movimento da associação livre, o que pode causar um certo estranhamento inicial para quem os lê. Isso porque, de maneira geral, estes registros se parecem com um texto fragmentado, aparentemente inacabado, por vezes sem uma articulação evidente entre parágrafos ou frases que se seguem. Inspiramo-nos em três fontes para a construção desse instrumento teórico-metodológico: nas anotações e comentários breves de Walter Benjamin, guiados por “seu olhar fragmentário, não por renunciar à totalidade, mas por procurá-la nos detalhes quase invisíveis” (SARLO, 2013, p. 35); nos diários de campo, dispositivo advindo dos estudos antropológicos e da etnografia; e, por fim, nas notas breves que Freud (2004) dedicou-se a escrever em seus últimos anos de vida.

Frisamos ainda que o operador conceitual utilizado para análise deste material, bem como ao que concerne ao trato com a teoria, foi a *leitura-escuta*, ou seja, uma leitura dirigida pela escuta e atenção flutuante

dos textos com a finalidade de construir um ensaio acerca da temática abordada (CAON, 1994; IRIBARRY, 2003).

Resultados e Discussão:

Jacques Lacan (1959-60), importante psicanalista francês, dedicou um de seus seminários inteiramente à discussão da ética psicanalítica, caracterizando-a como uma das contribuições mais inovadoras e originais da teoria freudiana. Desta obra, destacamos o recorte que abarca alguns tensionamentos entre a ética aristotélica e a ética freudiana.

Lacan (1959-60) vai situar o sistema de pensamento aristotélico em relação à ética como um *ethos* do caráter por intentar ser uma ética aplicada para a vida em sociedade, mais precisamente, para a formação político-virtuosa do homem grego. No âmago deste sistema, encontra-se aquilo que Aristóteles nomeou de Bem Supremo, conceito que busca dar conta de designar aquilo que é almejado por si próprio e não em vista de outros bens, uma finalidade última para a qual convergiria toda a ação humana.

Se o filósofo grego entende que o que há de mais próprio ao homem é sua dimensão racional, dimensão esta que deve dominar, custe o que custar, seus ímpetos irracionais a fim de ascender ao Sumo Bem, Freud toma às avessas essa lógica ao propor um sujeito dividido em uma realidade inconsciente que o transcende, um-mais-além que “governa, no sentido mais amplo, o conjunto de nossa relação com o mundo” (LACAN, 1959-60, p. 31).

Na esteira dessas discussões sobre o Bem, Lacan vai formular que, se há um Bem que rege a ética – e indissociavelmente a prática – da Psicanálise, este é o Bem-dizer, um claro contraponto ao Bem-viver de Aristóteles. Ao brincar com as palavras, Lacan sustenta que, no fazer em Psicanálise, aquele que escuta deve preocupar-se apenas em oferecer condições para que o sujeito do inconsciente possa advir nas brechas do discurso, lançando um convite àquele que fala no sentido de poder surpreender-se, estranhar-se e construir novos sentidos.

É quando supomos que há um saber inconsciente, próprio a cada sujeito, que pode, a qualquer momento, aparecer e causar aquilo que é do âmbito do Estranho (FREUD, 1919), que algo se movimenta para o sujeito. É como se disséssemos a eles de diferentes formas: e o que mais? E ali, naquela parada, naquele pequeno silêncio, aparece uma palavra até então não compartilhada que agora é perpassada pela potência da polissemia. Nas

palavras de Lacan (1959-60, p. 35), “trata-se de uma verdade que vamos procurar num ponto de sonegação de nosso sujeito”.

A propósito da abertura ao desconhecido, trazemos duas cenas cujo fio comum é a produção de um estranhamento a partir do emprego corriqueiro de termos judiciais pelos adolescentes durante as *Rodas*. Certo dia, um menino contava sobre a experiência de ter assaltado uma vítima. Perguntado se sabia algo mais sobre ela, diz que não, mas relembra-se, em seguida, do nome, características físicas e da idade. Quando os oficinairos pontuaram que os dois eram adolescentes, que só tinham um ano de diferença, ele ficou visivelmente surpreso: “*noossa, é muito estranho pensar nisso...*”.

A outra cena se deu em função do trecho de uma música que versava sobre um homem ser “*157 consciente*”. Em um primeiro momento, o adolescente justificou o uso deste código assim: “*é mais fácil falar o que tu fez, a tua história, principalmente no pátio quando os novos entram... Tu diz, ‘eu sou 157, e tu? É que dá preguiça ter que repetir tudo de novo’*”. Depois, a partir da circulação da palavra orientada pelo Bem-dizer, outra hipótese surgiu: “*acho que também é uma forma de não ter que lembrar tudo que o cara passou lá fora...*”.

Para Benjamin (1933), a vivência (*Erlebnis*) seria uma forma de experiência isolada que não faz laço e que não carrega nenhum valor coletivo, impressão-choque que nos toma e que somos, por vezes, impelidos a assimilar às pressas. Nesse sentido, para que um acontecimento-vivência possa decantar em experiência (*Erfahrung*), ele deve ser compartilhado, narrado e transmitido a um outro. A partir dessa perspectiva, entendemos que se torna ainda mais urgente e relevante possibilitar condições para que o compartilhamento das vivências isoladas dos adolescentes possa vir a decantar em algo novo e enlaçado com a coletividade, constituindo aquilo que é o saber da experiência.

Enlaçando essas questões benjaminianas com a Psicanálise, poderíamos traçar algumas intersecções entre os pares vivência/experiência e fala vazia/fala plena (LACAN, 1953). A fala vazia aproximar-se-ia de um monólogo, tagarelice que barra a assunção de efeitos de sujeito por se basear não pelo princípio fundamental da associação livre, mas, sim, por um discurso que corresponderia (imaginariamente) aos ideais esperados pelo analista. Esse tipo de fala encerra-se em si mesma, e, por esse motivo, poderia avizinhar-se da dimensão da vivência

que, lembremos, não faz laço com o coletivo. A fala plena, por sua vez, admite uma relação dialética de troca, propiciando a possibilidade do surgimento das manifestações inconscientes. Nesse sentido, o efeito de uma fala plena – “reordenar as contingências passadas dando-lhes sentido das necessidades por vir” (LACAN, 1953, p. 257) – é similar ao efeito de alguém que narra suas vivências e que pode, assim, acabar decantando-as em experiência. De certo modo, essa dimensão de uma transmissão/enlace com uma coletividade se deu durante as *Rodas* quando os jovens e os oficinairos resgatavam a fala daqueles que já não estavam mais participando em função de terem (ou não) recebido suas medidas.

Nesse âmbito, cabe àquele que escuta, guiado por seu desejo de que o outro deseje, auxiliar o adolescente a apropriar-se desse seu saber singular. Dito outro modo, auxiliar esses sujeitos marginalizados a tomarem suas histórias nas mãos, apropriando-se delas ao invés de serem somente falados. Mas de que forma isso pode ser feito? Segundo Lacan (1953, p. 253), “a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito até que se consumam suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a resolução delas”. Ao trabalhar com a fala e produzir enigmas ao sujeito, o psicanalista opera desde uma certa “prática da dúvida em contraposição às certezas totalitárias que regem a vida imaginária” (Kehl, 2002, p. 125).

Quando, por exemplo, os jovens puderam exercitar o plano da palavra plena e questionar a tirania dos dualismos antes colocados sem qualquer reflexão aparente, eles pareceram implicar-se com seus ditos mais como autores do que como vítimas. Isso não quer dizer, especialmente no contexto da socioeducação, que o adolescente escolha a via do estudo em detrimento dos delitos, quer dizer que a maneira com que ele pode vir a apropriar-se dessa escolha e de seus atos seja diferente, não necessariamente uma mudança em seu conteúdo.

Conclusões:

Se a posição ética que sustenta a prática do oficinairo/pesquisador em Psicanálise refere-se ao Bem-dizer e não ao Bem-viver, pretendemos sublinhar que não se trata, então, de esperar que os adolescentes dos contextos socioeducativos sejam “restaurados” ou “salvos”. A partir desta perspectiva, apostamos que seja possível operar um importante deslocamento na posição de escuta do pesquisador quando

esse consegue decantar de sua aparente impotência um traço que admite sua relação de impossibilidade frente a discursos que parecem ser perpassados fortemente por uma lógica de sentidos fixos e dualismos empobrecedores.

Compreendemos a referida impotência enquanto uma posição estéril da escuta que se guia por um modelo moralmente idealizado, baseado na existência *a priori* de uma resposta universal de como se orientar na vida e que, exatamente por isso, acaba por tamponar as brechas necessárias para que o sujeito do desejo advenha, produzindo, assim, movimentos em posições cristalizadas. Na contramão desse, temos a ética do Bem-dizer e sua proposta de respaldar-se justamente nesta dimensão singular do desejo, permitindo-nos a possibilidade de escutar alguma potência em meio ao impossível do que é a dimensão daquilo que se apresenta como um “sem saída” do sofrimento do outro.

Ao propiciarmos um espaço de articulação da fala que acolha as narrativas cristalizadas e os relatos violentos/violentados dos adolescentes, oferecemos condições para o questionamento e discussão desses no próprio grupo. Nessa direção, pensamos que, a partir da oferta da palavra nas *Rodas de R.A.P.*, a lógica dos dualismos – tal qual “*prisão ou morte*” e “*matar ou morrer*” – pode, mesmo que de maneira muito sutil, deslizar quanto ao seu sentido entre os jovens. E aqui reside uma potência singular dessas *Rodas*, que são a força da palavra compartilhada entre os iguais e a possibilidade de que ali se construa algo de um saber da experiência.

Por fim, ressaltamos que a ética do desejo é o que orienta nossa escuta – em contextos de vulnerabilidade ou não, no *setting* analítico tradicional ou nos dispositivos de escuta das Políticas Públicas. Importa que esses adolescentes tenham espaços que acolham seus ditos, pois “acaso não sabemos que nos confins onde a fala se demite começa o âmbito da violência, e que ela já reina ali, mesmo sem que a provoquemos?” (LACAN, 1954, p. 376.) Com isso, queremos pontuar que apostamos que as significações rígidas, ao serem enunciadas no discurso e não no ato que “*não permite o tempo para pensar*”, podem acabar retomando sua potência ao ceder lugar à polissemia como um modo transformador do psiquismo.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, W. (1933/1994). Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.

CAON, J. L. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7 (2), 145-174.

FREUD, S. (1895/1990). Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. *Obras Completas*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1912a/2010). A Dinâmica da Transferência. In: FREUD, S. *Obras Completas*, vol. X. São Paulo: Companhia das Letras.

FREUD, S. (1912b/2010). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In: FREUD, S. *Obras Completas*, vol. X. São Paulo: Companhia das Letras.

FREUD, S. (1919/2010). O Inquietante. In: FREUD, S. *Obras Completas*, vol. XIV. São Paulo: Companhia das Letras.

FREUD, S. (2004) *Diário de Sigmund Freud: 1929-1939. Crônicas Breves*. Porto Alegre: Artmed.

IRIBARRY, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Revista Agora*, 6(1), 115-138.

KEHL, M. R. (2002). *Sobre Ética e Psicanálise*. Companhia das Letras: São Paulo.

LACAN, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (1954/1998). Introdução ao comentário de Jean Hippolite sobre a “*Verneinung*” de Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1959-1960/1992). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SARLO, B. (2013) *Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.